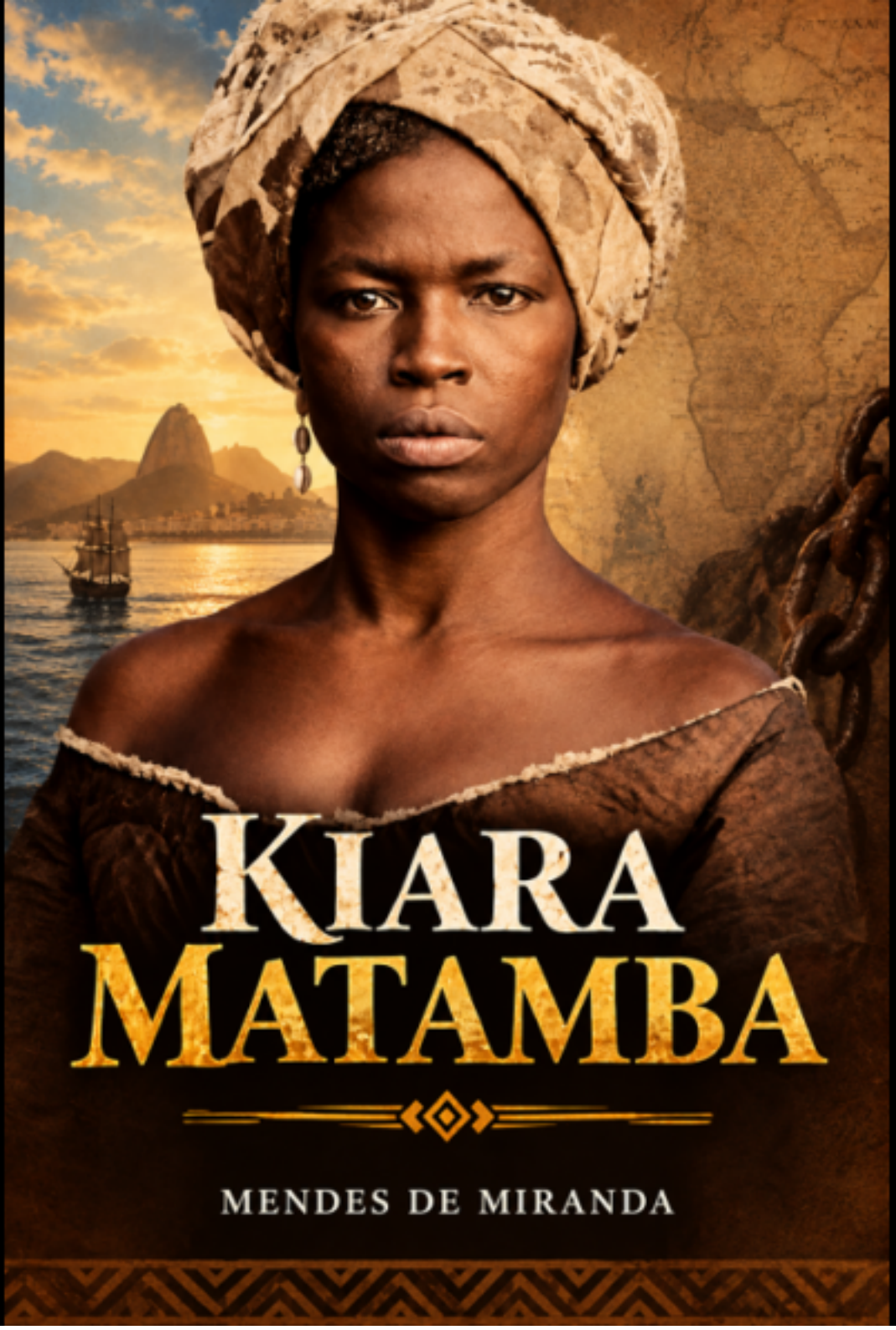
KIARA
MATAMBA
MENDES DE MIRANDA

Sumário

Apresentação 2
Introdução 6
O Fim da Liberdade 10
O Mercado de Gente 16
O Inferno no Mar 22
O Rio da Escravidão 28
Vendida Como Gado 34
Os Dias de Servidão 41
As Noites na Senzala 47
O Preço da Rebeldia 53
Laços de Esperança 60
O Futuro Incerto 66
Conclusão 73
Mendes de Miranda 78

Apresentação

K*iara Matamba* é uma narrativa sobre dor, resistência, memória e esperança. Por meio da trajetória de uma jovem africana arrancada de sua terra natal, o leitor é conduzido a um dos períodos mais dolorosos da história: o tráfico de africanos escravizados e a construção da sociedade colonial sustentada pela violência e pela exploração humana.

Kiara Matamba representa, nesta história, tantas mulheres, homens e crianças que tiveram suas vidas interrompidas pela escravidão. Antes de serem chamados de escravizados, eles tinham nomes, famílias, histórias, crenças, costumes, sentimentos e comunidades. Viviam em suas terras, cultivavam alimentos, criavam seus filhos, celebravam suas tradições e mantinham relações profundas com seus ancestrais e com a natureza. Tudo isso foi violentamente interrompido quando foram capturados e transformados em mercadoria.

A viagem através do oceano era uma das primeiras etapas desse sofrimento. Nos navios negreiros,

homens, mulheres e crianças eram amontoados em espaços apertados, escuros e insalubres. Muitos permaneciam acorrentados durante grande parte da travessia, submetidos à fome, à sede, às doenças, ao calor sufocante e à falta de higiene. A morte fazia parte daquela realidade. Pessoas que haviam saído da África com seus nomes e suas histórias podiam chegar ao outro lado do oceano sem família, sem liberdade e, muitas vezes, sem sequer saber o que lhes aconteceria. Ao desembarcarem, começava outra etapa da violência.

Nos mercados de escravizados, homens e mulheres eram examinados, avaliados e vendidos como se fossem objetos. Famílias eram separadas. Crianças podiam ser afastadas dos pais. Mulheres eram submetidas a diferentes formas de exploração e violência. A pessoa era reduzida à condição de propriedade, enquanto sua humanidade era deliberadamente negada.

Nas fazendas, engenhos, casas e pequenas propriedades, a rotina era marcada pelo trabalho exaustivo. O dia começava antes do nascer do sol e podia terminar somente quando a noite já havia

tomado conta da paisagem. Havia tarefas domésticas, agricultura, transporte de cargas, preparo de alimentos, cuidado com animais e inúmeras outras atividades. Quando as forças diminuíam, muitas vezes não havia compreensão, mas castigo.

As senzalas também revelavam a brutalidade daquele sistema. Espaços apertados, pouca privacidade, condições precárias de higiene, alimentação insuficiente e doenças faziam parte da vida cotidiana de muitos escravizados. Entretanto, mesmo nesses lugares de sofrimento, surgiam gestos de solidariedade. Pessoas que haviam perdido suas famílias criavam novos laços. Compartilhavam alimentos, histórias, palavras de suas línguas, cantos, crenças e lembranças de suas terras.

Era uma maneira de dizer que ainda existiam.

Kiara Matamba não pretende apresentar os africanos escravizados apenas como vítimas. Kiara é uma mulher que sente, lembra, sofre, ama, teme e sonha. Sua memória é uma forma de resistência. Seu desejo de liberdade representa a força daqueles que, mesmo submetidos às mais terríveis condições, procuraram preservar sua identidade e sua

dignidade.

A história de Kiara também nos lembra que a escravidão não terminou quando uma pessoa deixava de usar correntes. Suas marcas permaneciam no corpo, na memória, nas famílias separadas e nas gerações que vieram depois.

Por isso, conhecer essa história é também compreender a importância da memória.

Kiara Matamba não é apenas uma personagem.

Ela é uma voz.

Uma voz que atravessa o tempo para lembrar que nenhum ser humano nasceu para ser propriedade de outro.

Uma voz que, mesmo depois de conhecer o medo, a violência, a perda e a saudade, continuou procurando uma pequena chama de esperança.

E talvez seja essa a maior mensagem de sua saga: podem aprisionar um corpo, mas nunca deveriam conseguir escravizar a memória, a dignidade e o sonho de liberdade.

Mendes de Miranda

Inverno de 2025

Introdução

Antes de ser escravizada, Kiara Matamba era apenas uma menina.

Tinha uma terra que chamava de lar, uma família, lembranças, sonhos e um nome que lhe pertencia. Em sua terra natal, no coração da África, conhecia os caminhos percorridos desde a infância, os sons das pessoas de sua comunidade, o cheiro da terra depois da chuva e o movimento das águas que atravessavam a paisagem. Sua vida, como a de tantas outras pessoas, era construída a partir das relações com a família, com a comunidade, com a natureza e com as tradições transmitidas pelos mais velhos. Ela não imaginava que um dia tudo isso seria arrancado de suas mãos.

A escravidão não começava apenas quando alguém era colocado dentro de um navio. Para muitos africanos, ela começava no momento da captura: no ataque às aldeias, na destruição das famílias, na violência contra homens, mulheres e crianças e na caminhada forçada até os locais onde seriam vendidos. Ali, o ser humano começava a ser tratado

como mercadoria.

Kiara conheceria esse caminho.

Conheceria as correntes.

Conheceria o medo.

Conheceria a separação.

E conheceria o oceano não como uma paisagem de beleza, mas como uma imensidão que a afastaria ainda mais de tudo aquilo que amava.

Dentro do navio negreiro, descobriria uma realidade que nenhum ser humano deveria experimentar. O espaço apertado, o ar pesado, a fome, a sede, as doenças e a morte transformariam a travessia em uma experiência de sofrimento profundo. Ao redor dela estariam pessoas que também tinham histórias, famílias e nomes, mas que haviam sido reduzidas pela violência à condição de carga.

Quando finalmente chegasse à América portuguesa, Kiara perceberia que o fim da viagem não significava o fim do sofrimento.

Era apenas o começo de outra prisão.

Em São Sebastião do Rio de Janeiro, encontraria uma terra de natureza exuberante, cercada por montanhas, matas, rios e águas da baía. A paisagem

poderia parecer acolhedora aos olhos de quem chegava. Mas, para Kiara, aquela beleza esconderia uma realidade cruel. Ali começaria uma nova etapa de sua vida: o trabalho forçado, a senzala, os castigos, a distância de sua família e a luta diária para preservar aquilo que ainda lhe pertencia.

Sua memória.

Seu nome.

Sua dignidade.

Ao longo desta história, Kiara contará não apenas aquilo que sofreu, mas também aquilo que conseguiu preservar. Entre o medo e a esperança, encontrará outras pessoas escravizadas que, assim como ela, carregavam lembranças de suas terras e procuravam construir novos laços em meio à violência.

Haverá perdas.

Haverá lágrimas.

Haverá momentos em que a esperança parecerá pequena demais para sobreviver.

Mas também haverá solidariedade, afeto, amizade e resistência.

Porque a escravidão tentou controlar os corpos, o trabalho e a liberdade daqueles homens e mulheres,

mas não conseguiu apagar completamente suas histórias.

Kiara Matamba é, portanto, a história de uma mulher que atravessou a violência de seu tempo sem deixar que sua memória fosse destruída. Sua trajetória representa também a de tantos africanos que foram arrancados de suas terras e obrigados a reconstruir suas vidas em um mundo que lhes havia sido imposto.

Esta é uma história sobre escravidão, mas também sobre humanidade.

Sobre aquilo que perdemos.

Sobre aquilo que conseguimos guardar.

E, sobretudo, sobre a esperança de que, mesmo quando tudo parece perdido, ainda exista dentro de nós uma pequena chama capaz de resistir à escuridão.

O Fim da Liberdade

A Terra Onde Nasci

Meu nome é Kiara Matamba. Nasci na terra de Malanje, no coração do Reino da Matamba, onde a floresta parecia não ter fim e os rios cortavam a paisagem como longas serpentes brilhantes sob o sol. Quando penso na minha infância, é dessa terra que me lembro primeiro. Antes de conhecer o medo, eu conhecia o cheiro da terra molhada, o canto dos pássaros ao amanhecer e o calor da fogueira que iluminava nossas noites.

Nossa comunidade vivia do que a natureza oferecia. As famílias cultivavam mandioca, milho, feijão e outros alimentos que garantiam o sustento de todos. As mulheres cuidavam das plantações, buscavam água e preparavam os alimentos, enquanto muitos homens se dedicavam à caça, à pesca e à proteção da comunidade. Mas nossas tarefas não eram separadas por muros. Quando era necessário, todos ajudavam. Aprendíamos desde pequenos que a vida dependia da

união.

As casas eram simples, construídas com materiais encontrados na própria região. Ao redor delas havia caminhos de terra batida, pequenas áreas de cultivo e árvores que ofereciam sombra nos dias quentes. Eu conhecia cada trilha, cada córrego e cada árvore próxima da nossa aldeia.

À noite, depois do trabalho, sentávamo-nos perto do fogo. Os mais velhos contavam histórias sobre nossos antepassados, sobre reis, guerreiros e acontecimentos que haviam moldado nosso povo. Os tambores acompanhavam cantos e danças, e eu sentia que aquelas batidas carregavam a memória de todos que haviam vivido antes de mim.

Naquele tempo, eu acreditava que nada poderia mudar nossa vida. Eu ainda não sabia que a liberdade que conhecia tinha os dias contados.

A Manhã em que Tudo Mudou

Lembro-me perfeitamente daquela manhã. O céu começava a clarear quando ouvi os primeiros gritos. No início, pensei que alguma coisa tivesse acontecido

longe da aldeia. Depois veio o cheiro de fumaça. Um cheiro forte, amargo, diferente da fumaça das nossas cozinhas.

Meu coração disparou.

Saí de casa e encontrei pessoas correndo em todas as direções. Mulheres chamavam pelos filhos. Crianças choravam. Homens tentavam organizar a defesa. Foi então que percebi homens armados avançando contra nós. Eram portugueses e seus aliados africanos, trazendo armas que eu jamais havia visto de perto. Os mosquetes disparavam com estrondos que faziam tremer o corpo. Para mim, pareciam trovões vindos do chão.

Meu pai pegou sua lança. Eu o vi erguer o rosto e permanecer firme diante do perigo. Era um homem forte, acostumado a enfrentar as dificuldades da vida, e naquele instante tentou proteger nossa família como sempre fizera.

Então ouvi um disparo.

Meu pai caiu.

Por alguns segundos, fiquei imóvel. Não consegui compreender que aquele homem que parecia invencível havia sido derrubado diante dos meus

olhos. Minha mãe correu até ele, gritando seu nome, mas homens a agarraram antes que pudesse chegar. Ela tentou resistir. Eu também tentei.

Ainda consigo sentir as mãos que me prenderam. Lutei com toda a força que tinha. Chorei, gritei, mordi e chutei. Não queria abandonar minha mãe. Não queria deixar meu pai caído naquele chão. Mas minhas forças eram pequenas diante daqueles homens.

Ao meu redor, outras famílias passavam pela mesma tragédia. Crianças eram arrancadas dos braços das mães. Casas eram incendiadas. Pessoas que eu conhecia desde pequena desapareciam no meio da confusão.

Naquele momento compreendi uma coisa que nenhuma história dos anciãos havia conseguido me ensinar: a violência pode destruir em poucos minutos aquilo que uma comunidade levou gerações para construir.

O Caminho Sem Volta

Quando fomos reunidos, já não éramos tratados

como pessoas livres. Éramos apenas prisioneiros. Amarraram nossas mãos e nos obrigaram a seguir por caminhos que antes conhecíamos apenas como trilhas de caça ou caminhos entre aldeias.

Eu procurava minha mãe com os olhos. Quando finalmente a encontrei, tentei me aproximar, mas fomos mantidas separadas. A distância entre nós parecia aumentar a cada passo.

Começamos a caminhar.

Os primeiros dias foram os mais difíceis. Meus pés, acostumados ao solo da minha aldeia, começaram a sangrar. A fome apertava o estômago e a sede tornava cada momento mais doloroso. Havia crianças que já não conseguiam acompanhar o grupo. Algumas mulheres choravam em silêncio. Outras permaneciam caladas, olhando para o chão como se tivessem deixado a própria alma para trás.

Eu também queria chorar, mas sentia que minhas lágrimas não seriam suficientes para expressar tudo o que havia perdido.

Enquanto caminhava, lembrava-me das manhãs em Malamje. Pensava na plantação, na sombra das árvores, nas histórias contadas pelos mais velhos e

no som dos tambores durante as celebrações. Recordava o rosto do meu pai e a voz da minha mãe. A cada passo, a aldeia ficava mais distante.

Em determinado momento, virei o rosto e olhei para trás. Não conseguia mais enxergar as casas. Mesmo assim, permaneci olhando, como se meus olhos pudessem atravessar a distância e encontrar novamente o lugar onde eu havia nascido.

Naquele instante, compreendi que não estava apenas deixando uma aldeia. Estava sendo arrancada da minha família, da minha terra, da minha história e da vida que conhecia.

Eu ainda não sabia para onde estávamos sendo levados. Não sabia o que aconteceria comigo, nem se voltaria a ver minha mãe.

Só sabia que Malanje ficara para trás.

E, com ela, ficara também a Kiara que eu havia sido até aquela manhã.

Minha liberdade terminara no momento em que aquelas mãos amarraram meus pulsos.

O Mercado de Gente

A Estrada da Dor

Depois que deixamos Malanje, os dias passaram a se confundir uns com os outros. Eu já não sabia quantas manhãs haviam nascido nem quantas noites tínhamos atravessado. Caminhávamos sob o sol forte, presos uns aos outros por correntes, seguindo por caminhos que atravessavam matas, campos e pequenas comunidades que eu observava apenas de longe.

Antes de tudo aquilo, eu conhecia a terra como parte da minha própria vida. No Reino da Matamba, nossas comunidades estavam espalhadas entre áreas de mata, campos e cursos de água. A vida dependia do trabalho coletivo. Plantávamos mandioca, milho e feijão; criávamos pequenos animais; pescávamos quando havia rios próximos e conhecíamos as plantas que podiam alimentar ou curar. As crianças aprendiam observando os mais velhos, acompanhando as mulheres nas tarefas e ouvindo os ensinamentos dos anciãos.

Eu me lembrava dessas coisas enquanto caminhava.

Lembrava-me da minha mãe peneirando farinha, das mulheres conversando enquanto trabalhavam e dos homens retornando da caça ao final do dia. Lembrava também das noites em que a comunidade se reunia. O fogo iluminava os rostos, os tambores marcavam o ritmo das danças e as histórias dos antepassados passavam de uma geração para outra. Agora, porém, tudo parecia distante.

Meus pés estavam feridos e a poeira cobria minha pele. A sede apertava minha garganta. Havia crianças chorando, pessoas doentes e mulheres que carregavam no rosto uma tristeza que eu conhecia muito bem.

Eu caminhava, mas uma parte de mim continuava em Malanje.

O Mercado de Gente

Depois de uma longa caminhada, chegamos a uma grande povoação. Havia muitas pessoas, animais, carroças, construções e uma movimentação que, em

outras circunstâncias, talvez tivesse despertado minha curiosidade. Naquele dia, porém, eu só sentia medo.

Fomos conduzidos para um espaço cercado. Ali havia homens, mulheres e crianças capturados em diferentes lugares. Alguns falavam línguas que eu nunca havia escutado. Mesmo sem compreender suas palavras, eu entendia seus olhos. Eram olhos de pessoas que haviam perdido alguma coisa que jamais poderia ser devolvida.

Foi então que percebi que aquele lugar era um mercado.

Um mercado de gente.

Homens se aproximavam e nos examinavam. Seguravam nossos braços, observavam nossas pernas, nossos dentes e nossos corpos. Conversavam entre si e apontavam para nós como se estivéssemos sendo escolhidos entre animais ou objetos.

Senti uma vergonha que não era minha. Eu queria gritar que tinha um nome. Queria dizer que era Kiara Kilembo, filha de uma mulher que me ensinara a respeitar os mais velhos e de um homem que havia

morrido tentando proteger sua família. Eu queria contar de onde vinha, falar da minha aldeia, dos nossos campos, dos tambores e das histórias que guardávamos.

Mas ninguém queria saber.

Para aqueles homens, minha história não tinha valor.

Depois, trouxeram o ferro aquecido. O medo percorreu o cercado antes mesmo que eu compreendesse o que fariam. Vi pessoas serem levadas à força. Os gritos que ouvi jamais sairiam da minha memória.

Quando chegou minha vez, senti minhas pernas perderem a força.

Seguraram-me.

Fechei os olhos.

A marca foi feita em meu ombro esquerdo.

Naquele instante, percebi que pretendiam transformar minha identidade em uma simples marca de propriedade.

Mas, dentro de mim, continuei repetindo meu nome.

Kiara Matamba.

Eu ainda era Kiara.

O Navio que Esperava no Mar

Depois do mercado, fomos levados novamente. Eu caminhava sem saber qual seria o próximo destino, mas alguma coisa havia mudado no ar. O cheiro da terra começou a desaparecer e, pouco a pouco, surgiu diante de nós uma imensidão azul que parecia não ter fim.

Era o mar.

Parei por um instante para contemplá-lo. Nunca havia visto águas tão vastas. Na minha terra, eu conhecia rios, córregos e nascentes, lugares onde a água fazia parte da vida cotidiana. Ali, porém, as ondas se estendiam até o horizonte, encontrando-se com o céu.

Pensei que talvez aquela fosse a última paisagem que eu veria de minha terra.

Então avistei a embarcação.

Era enorme. Seus mastros erguiam-se acima de nós e as velas se destacavam contra o céu. A madeira escura parecia formar o corpo de uma criatura

gigantesca. Eu não sabia o que havia dentro dela, mas meu coração dizia que nada de bom nos esperava.

Fomos empurrados para a embarcação.

Havia centenas de pessoas. Algumas choravam. Outras permaneciam em silêncio. Vi mães tentando proteger os filhos e homens olhando para o horizonte como se procurassem uma saída impossível.

Quando entrei, senti o ar mudar.

O espaço era escuro, apertado e abafado. O cheiro de suor, medo e madeira úmida tomava conta de tudo. As correntes voltaram a ranger.

Sentei-me no chão e abracei meu corpo.

Pensei em minha mãe.

Pensei em meu pai.

Pensei em Malanje.

Enquanto o navio começava a se afastar da costa, fechei os olhos. Não queria assistir àquela despedida, mas sabia que precisava guardar aquela imagem dentro de mim.

Eu não sabia para onde estávamos indo.

Não sabia se voltaria.

Só sabia que o mar estava levando meu corpo para

longe, enquanto minhas lembranças permaneciam na terra onde eu havia nascido.

E foi naquele porão escuro que compreendi que minha maior luta, dali em diante, seria não permitir que me roubassem também a memória.

O Inferno no Mar

O Porão Sem Céu

O cheiro foi a primeira coisa que me fez compreender que aquele lugar não era feito para pessoas. Antes mesmo de meus olhos se acostumarem à escuridão, senti o odor de suor, urina, fezes, madeira úmida e doença. Era um cheiro que parecia entrar pela garganta e permanecer dentro do corpo.

Fomos empurrados para o porão do navio. O teto era tão baixo que eu precisava permanecer curvada. Não havia espaço para caminhar, esticar as pernas ou sequer mudar de posição com liberdade. Éramos muitos, apertados uns contra os outros, presos por correntes que dificultavam qualquer movimento.

Procurei um lugar onde pudesse respirar melhor, mas não havia lugar algum.

O calor durante o dia era sufocante. O ar parecia parado, pesado, quase impossível de engolir. À noite, quando a temperatura diminuía, o frio penetrava nossos corpos debilitados. Não havia luz suficiente para distinguir os rostos. Muitas vezes eu ouvia apenas vozes, tosses, gemidos e choros vindos da escuridão.

Naquele espaço, minha memória tornou-se meu único refúgio.

Eu fechava os olhos e imaginava Malanje. Via as árvores altas, os campos cultivados, os caminhos de terra e as casas de nossa comunidade. Recordava minha mãe trabalhando, os alimentos preparados pelas mulheres e os homens retornando das atividades do dia. Lembrava-me das crianças correndo livres e das noites iluminadas pelas fogueiras.

Ali, eu não podia sequer caminhar.

Na minha terra, o espaço pertencia à vida.

Naquele navio, até o direito de respirar parecia ter sido tomado de nós.

A Fome, a Doença e a Morte

A fome chegou primeiro como uma dor persistente e depois transformou-se em fraqueza. Recebíamos muito pouco alimento. Quando a comida aparecia, era simples e insuficiente para corpos que passavam horas submetidos ao calor, ao frio e ao confinamento. A água também era racionada.

Eu aprendi a beber devagar.

Segurava a caneca com as duas mãos e tentava fazer aquela pequena quantidade durar o máximo possível. Minha garganta permanecia seca, mas eu sabia que não receberia outra porção quando quisesse.

Com o passar das semanas, os corpos começaram a mudar. Pessoas que antes caminhavam e conversavam perderam as forças. Algumas apresentavam feridas, febre e inchaços. As gengivas de outros sangravam, e havia quem mal conseguisse permanecer sentado. A doença se espalhava rapidamente naquele ambiente onde não havia higiene adequada nem espaço para separar os enfermos.

O chão ficava sujo e úmido. Quando nos permitiam limpar o porão, a água salgada era despejada sobre as tábuas. Para quem tinha feridas, aquela limpeza também trazia dor.

Ainda assim, agarrávamo-nos àqueles momentos como se fossem uma pequena oportunidade de continuar vivos.

Mas a morte estava sempre próxima.

Certa manhã, percebi que a mulher ao meu lado não respondia mais. Durante a noite, ela havia segurado minha mão. Agora estava imóvel. Fiquei olhando para seu rosto por alguns instantes, esperando algum sinal de vida.

Não veio.

Os mortos eram retirados e lançados ao mar.

Eu acompanhava aqueles momentos com o coração apertado. Alguns corpos desapareciam rapidamente nas águas. Outros eram carregados em silêncio, como se nunca tivessem pertencido a este mundo.

Eu comecei a temer o sono.

Tinha medo de fechar os olhos e não acordar.

Terra à Vista

O sofrimento também mudou a maneira como olhávamos uns para os outros. Éramos pessoas de diferentes comunidades, trazidas de lugares diversos, algumas com antigas rivalidades que haviam atravessado gerações. Naquele espaço apertado, porém, nossas diferenças pouco significavam diante do sofrimento que compartilhávamos.

Ainda assim, o desespero podia transformar pessoas.

Houve discussões, brigas e momentos em que alguns se voltaram contra outros. Eu vi rostos conhecidos pela bondade tornarem-se irreconhecíveis sob o peso da fome, do medo e da desesperança. Também vi pessoas dividirem a pouca água que tinham com alguém mais fraco.

Foi nesses pequenos gestos que encontrei coragem para continuar.

De tempos em tempos, éramos levados ao convés. A luz do sol feria meus olhos depois de tantos dias na escuridão. O vento do mar tocava meu rosto, e por

alguns instantes eu conseguia respirar profundamente. Mandavam-nos caminhar para movimentar o corpo, não por compaixão, mas porque precisavam que sobrevivêssemos até a chegada.

Eu sabia disso.

Mesmo assim, quando sentia o sol sobre a pele, imaginava que aquele calor vinha de Malanje.

Os dias se arrastaram. Não sei quantas pessoas morreram durante a travessia. Sei apenas que, quando finalmente ouvi um marinheiro gritar que havia terra à vista, meu coração bateu como não batia havia muito tempo.

Aproximei-me o quanto pude da abertura do navio. Ao longe, vi uma paisagem que não conhecia. Montanhas, vegetação e uma faixa de terra apareciam diante de nós. O Brasil.

Senti uma esperança tímida.

Talvez o sofrimento estivesse terminando.

Talvez eu pudesse respirar novamente.

Mas, quando o navio se aproximou da costa de São Sebastião do Rio de Janeiro, compreendi que chegar à terra não significava recuperar a liberdade.

Eu havia sobrevivido ao mar.

Ainda precisava sobreviver ao mundo que me esperava.

O Rio da Escravidão

A Terra que Não Era Livre

Quando o navio finalmente parou de balançar, meu corpo inteiro pareceu continuar preso ao movimento das ondas. Durante alguns instantes, não consegui compreender que havíamos chegado à terra firme. Depois de tantos dias cercados pelo mar, eu deveria ter sentido alívio. Mas o ar que entrou naquele porão trazia consigo o cheiro de corpos doentes, madeira úmida, sal e podridão.

Ouvi homens gritando lá fora.

As portas foram abertas, e uma claridade intensa invadiu o lugar onde havíamos passado tanto tempo. Meus olhos arderam. Levei as mãos ao rosto e esperei alguns segundos antes de conseguir enxergar.

Então vi a terra.

Havia árvores, morros ao longe, água brilhando sob

o sol e uma paisagem completamente diferente daquela que eu conhecia. Era bonita, mas não consegui admirar sua beleza. Para mim, aquela terra não representava liberdade. Era apenas o lugar para onde haviam levado meu corpo.

Enquanto nos retiravam do navio, pensei em Malanje. Lembrei-me das paisagens do Reino da Matamba, dos campos onde nossas famílias plantavam, das matas que forneciam frutos, madeira e caça e dos caminhos percorridos diariamente por homens, mulheres e crianças. Nossa vida era simples, mas possuíamos algo que naquele momento parecia mais precioso que qualquer riqueza: pertencíamos à nossa própria terra.

Aqui, eu não pertencia a lugar nenhum.

Minhas pernas tremiam. Alguns companheiros caíam porque não tinham forças para continuar. Ninguém parava para ajudá-los. Os homens que nos cercavam queriam apenas que andássemos.

Vi correntes sendo arrastadas pelo chão.

O som metálico atravessou meu peito.

Eu havia sobrevivido ao oceano.

Mas, ao pisar naquela terra desconhecida, percebi

que o sofrimento não havia terminado.

O Porto dos Homens sem Nome

O porto parecia um lugar de movimento incessante. Havia embarcações, homens carregando mercadorias, vozes que se cruzavam e animais sendo conduzidos de um lado para outro. Pessoas livres caminhavam pelas proximidades sem imaginar, ou talvez sem querer imaginar, o que acontecia diante de seus olhos.

Nós éramos conduzidos como carga.

Os homens que nos observavam não perguntavam nossos nomes. Não queriam saber de nossas famílias, nossas aldeias ou de onde havíamos vindo. Olhavam nossos corpos, avaliavam nossa força e conversavam entre si sobre aquilo que poderíamos valer.

Um homem que havia permanecido próximo de mim durante a travessia caiu de joelhos. Estava tão fraco que mal conseguia respirar. Pediu água. Um dos homens encarregados de nos conduzir respondeu com violência e mandou que ele se

levantasse.

Ele não conseguiu.

Foi arrastado para longe.

Eu desviei os olhos, mas não consegui apagar aquela imagem da minha cabeça.

Outro companheiro, quase sem forças, foi tratado da mesma maneira. Naquele momento compreendi que a crueldade não terminara com a chegada. No navio, temíamos morrer. Em terra, descobríamos que nossa própria sobrevivência dependia da vontade daqueles que nos consideravam propriedade.

Quando chegou minha vez de ser examinada, um homem segurou meu rosto e levantou meu braço. Outro observou meus dentes e apalpou meus ombros. Senti uma revolta profunda.

Eu queria afastar aquelas mãos.

Queria gritar que meu corpo era meu.

Mas o medo me paralisou.

Ouvi uma palavra que já começava a reconhecer: *"doente".*

Meu estado depois da travessia havia reduzido ainda mais meu valor aos olhos daqueles homens.

Fui separada dos que pareciam mais fortes.

Naquele instante, percebi que até a doença podia decidir o destino de uma pessoa escravizada.

A Ilha dos Esquecidos

Levaram-me com outros cativos para uma embarcação menor. Eu não sabia para onde estávamos indo. O pequeno barco avançou por águas que refletiam o céu claro, enquanto eu permanecia sentada, fraca demais para perguntar qualquer coisa.

Ao longe, surgiu uma porção de terra cercada pelo mar.

Uma ilha.

Para mim, parecia um lugar separado do mundo. Não havia ali a movimentação do porto nem a esperança de que alguém pudesse nos reconhecer. Éramos conduzidos para longe dos olhos de outras pessoas.

Fomos colocados em uma construção simples e precária. O espaço era sujo, abafado e escuro. Alguns estavam com febre; outros mal conseguiam permanecer sentados. Havia crianças que choravam

procurando pelas mães e mulheres que tentavam cuidar de desconhecidos porque não suportavam assistir à dor sem fazer nada.

Ali aprendi que, mesmo quando tudo nos era tirado, ainda podíamos oferecer uns aos outros pequenos gestos de humanidade.

Uma mulher dividiu comigo algumas gotas de água.

Outra ajeitou minha cabeça sobre um pedaço de tecido.

Eu agradeci apenas com os olhos.

Os dias passaram lentamente. Alguns companheiros não resistiram. Quando alguém morria, seu corpo era retirado sem cerimônia. A morte havia se tornado tão frequente que o silêncio depois dela parecia fazer parte da rotina.

Meu corpo ardia em febre. Muitas vezes pensei que talvez fosse melhor fechar os olhos e deixar tudo terminar.

Mas então me lembrava da minha mãe.

Lembrava-me de seu rosto. Lembrava-me de Malanje.

E alguma coisa dentro de mim dizia que eu não

podia morrer.

Eu queria viver para contar que havíamos existido.

Certo dia, ouvi passos do lado de fora. Um homem entrou carregando um chicote e ordenou que nos levantássemos.

Eu não compreendia suas palavras.

Mas compreendi perfeitamente o que aquele objeto significava.

Abracei os joelhos, respirei fundo e tentei ficar de pé.

Eu ainda estava viva.

E, naquele mundo cruel, permanecer viva já era uma forma de resistência.

Vendida Como Gado

O Mercado e o Meu Novo Dono

Quando voltamos ao continente, eu já sabia o que me esperava. A ilha havia ficado para trás, mas não significava que eu estivesse livre. Pelo contrário. Eu seria levada a outro mercado, onde homens

decidiriam quanto valia minha vida.

Caminhei entre outros cativos até chegarmos ao local onde seríamos vendidos. Havia pessoas por todos os lados. Alguns compradores examinavam braços e pernas; outros perguntavam sobre idade, saúde e capacidade para o trabalho. Eu permanecia em silêncio, tentando esconder o medo.

Naquele instante, pensei em como era diferente a vida em minha terra.

No Reino da Matamba, ninguém precisava comprar uma pessoa para que ela trabalhasse. Nossas comunidades viviam do esforço coletivo. Havia agricultores, caçadores, pescadores, artesãos e pessoas responsáveis por diferentes tarefas. Cada família possuía seus costumes, suas responsabilidades e seus vínculos. As aldeias eram lugares de convivência, onde os mais velhos orientavam os jovens e as crianças aprendiam observando.

Eu tinha perdido tudo isso.

Agora, homens desconhecidos discutiam meu destino diante de mim.

Foi então que apareceu meu comprador. Chamava-

se Coronel Sebastião Lacerda. Era português e possuía terras, trabalhadores escravizados e uma propriedade na cidade.

Depois de conversar com outros homens, decidiu que eu serviria em sua casa.

Não senti alívio.

Apenas medo. Disseram-me que eu viveria com sua família: sua esposa, Dona Maria Luíza de Lacerda, e seus dois filhos. Eu não conhecia aquelas pessoas e não sabia como seria tratada.

Enquanto seguia para minha nova morada, olhei para o céu.

O mesmo céu que cobria Malanje agora estava sobre mim.

Pensei em minha mãe e sussurrei meu próprio nome.

Kiara Matamba.

Eu precisava lembrar quem era.

A Casa Branca e a Senzala

A propriedade do coronel era grande aos meus olhos. A casa principal tinha paredes claras, janelas

altas e espaços que pareciam muito maiores do que qual-quer construção que eu havia conhecido em minha infância. Havia móveis, utensílios e objetos que mostravam a riqueza daquela família.

Mas eu logo compreendi que aquela beleza escondia uma realidade diferente.

Meu lugar ficava na senzala.

Era uma construção simples, onde os escravizados dormiam juntos sobre o chão de terra. O ar era pesado, principalmente nas noites quentes. O cheiro de suor e umidade permanecia nas paredes. Havia pouco espaço para descansar e quase nenhuma privacidade.

Todas as manhãs, antes mesmo de o sol aparecer completamente, começava o trabalho.

Eu buscava água, limpava os cômodos, preparava alimentos, lavava roupas e realizava tantas outras tarefas que, ao final do dia, meus braços pareciam não me pertencer. Quando conseguia sentar, meus pés doíam e minhas costas ardiam.

Às vezes, passava diante do poço e via meu rosto refletido na água.

Eu mal reconhecia aquela mulher.

Onde estava a menina que corria pelos caminhos de Malanje?

Onde estavam as manhãs em que eu ajudava minha mãe e depois brincava com outras crianças?

Onde estavam as noites de canto e dança?

Eu carregava essas perguntas em silêncio.

Também comecei a ouvir histórias dos outros escravizados. Falavam de pessoas que haviam sido castigadas por pequenos erros, de homens que recebiam golpes por não trabalharem no ritmo exigido e de mulheres submetidas a abusos que preferiam guardar em silêncio.

Aquilo me aterrorizava.

Eu havia escapado da morte durante a travessia do oceano, mas agora descobria que sobreviver em terra também exigiria coragem.

Minha liberdade havia sido tomada.

Minha vontade, porém, ainda era minha.

Uma Liberdade Guardada no Silêncio

Com o passar dos meses, aprendi muitas coisas sobre aquela nova vida. Aprendi a língua dos

portugueses o suficiente para compreender ordens, conversas e ameaças. Aprendi quais tarefas deveria fazer e em que momento deveria fazê-las. Aprendi também que um pequeno erro podia trazer consequências dolorosas.

Mas houve uma coisa que me recusei a aprender: esquecer quem eu era.

Quando me obrigavam a seguir costumes que não eram os meus, eu obedecia quando precisava sobreviver. Aprendi as orações que esperavam que eu repetisse, mas, dentro de mim, minhas lembranças continuavam vivas. Quando ficava sozinha, pensava nos antepassados, na terra onde nascera e nas palavras que minha mãe havia me ensinado.

Era como manter uma pequena chama escondida dentro do peito.

Eu também ouvia histórias sobre aqueles que fugiam. Alguns escravizados abandonavam as propriedades e procuravam abrigo nas matas. Havia comunidades formadas por fugitivos, lugares onde homens e mulheres tentavam reconstruir uma vida longe dos senhores. Para mim, essas histórias eram como notícias de um mundo que ainda acreditava na

liberdade.

Mas também ouvia relatos terríveis sobre aqueles que eram capturados.

Por isso, o medo estava sempre presente.

Havia dias em que eu recebia um puxão, um tapa ou uma ameaça por alguma falha. Outros sofriam castigos ainda mais severos. Eu aprendia a reconhecer o som de passos furiosos e a maneira como certas vozes mudavam antes de uma punição. Mesmo assim, resistia como podia.

Às vezes, minha resistência era apenas continuar trabalhando sem deixar que a tristeza me destruísse.

Outras vezes, era ensinar uma palavra de minha língua a alguém. Era lembrar uma canção.

Era contar, baixinho, uma história de Malanje.

Eles podiam prender meu corpo.

Podiam decidir onde eu dormiria, onde trabalharia e para quem serviria.

Mas havia uma parte de mim que permanecia livre.

E essa parte eu protegeria até o último dia.

São Sebastião do Rio de Janeiro era minha nova prisão.

Mas eu ainda era Kiara Matamba.

Os Dias de Servidão

Antes que o Sol Nascesse

Os meus dias começavam quando a noite ainda cobria São Sebastião do Rio de Janeiro. Antes que os primeiros clarões surgissem por trás dos morros, eu já estava acordada. O frio e a umidade do chão de terra entravam em meus ossos, e meu corpo doía por causa do pouco descanso. A senzala permanecia escura, iluminada apenas pela claridade fraca que atravessava as frestas.

Ao redor da propriedade, a natureza parecia não conhecer a crueldade dos homens. Havia matas densas, árvores altas, rios e pequenos cursos de água que brilhavam quando recebiam a luz da manhã. Do alto dos morros, era possível imaginar uma terra quase sem fim. Eu olhava aquela paisagem e pensava em Malanje.

Lá, eu também acordava cedo, mas era diferente.

Na minha comunidade, o trabalho fazia parte da

vida de todos. As pessoas plantavam, pescavam, caçavam, preparavam alimentos e cuidavam das famílias. As crianças aprendiam com os mais velhos e cresciam conhecendo os caminhos, as plantas e as águas de sua terra. O trabalho podia ser pesado, mas não significava que alguém fosse dono da vida de outro.

Aqui, cada tarefa começava com uma ordem.

Assim que me levantava, precisava buscar água. Pegava os recipientes e seguia pelo caminho ainda escuro. O peso aumentava a cada viagem. Meus ombros ardiam, minhas mãos ficavam marcadas e, algumas vezes, eu precisava parar por alguns segundos para recuperar o fôlego.

Mas não podia demorar.

Eu sabia que alguém estaria esperando.

Se chegasse atrasada, haveria gritos.

Se derramasse água, haveria repreensão.

Se demonstrasse cansaço, diziam que eu era preguiçosa.

Aprendi muito cedo que, naquela casa, até respirar parecia precisar de permissão.

O Trabalho que Não Terminava

Depois de buscar água, começava a limpeza da casa. Eu varria o chão, retirava a sujeira, limpava os móveis e organizava os cômodos. Enquanto trabalhava, ouvia os sons da propriedade despertando. Portas se abriam, passos atravessavam os corredores e vozes davam novas ordens.

Eu nunca sabia quando o trabalho terminaria.

Na cozinha, o fogo precisava permanecer aceso. Eu carregava lenha, preparava os alimentos, moía grãos e cuidava das panelas. O cheiro da comida preenchia o ambiente e, muitas vezes, fazia meu estômago doer de fome. Eu preparava refeições que não podia comer. Quando sobrava alguma coisa, recebia apenas uma pequena porção.

Aprendi a esconder a fome.

Depois vinha a roupa.

Eu passava horas esfregando tecidos, mergulhando-os na água e torcendo-os com as mãos. O trabalho fazia minha pele rachar. Pequenos cortes apareciam nos dedos e ardiam quando entravam em contato com a água.

Mesmo assim, eu continuava.

Quando a família precisava sair, novas tarefas surgiam. Eu acompanhava os senhores pelas ruas e carregava objetos, água ou aquilo que me ordenassem transportar. A povoação crescia lentamente ao redor da baía, cercada por morros e vegetação. De alguns lugares, eu conseguia enxergar o brilho das águas e as embarcações próximas da costa.

Era uma paisagem bonita.

Mas eu não conseguia desfrutá-la.

Enquanto pessoas livres caminhavam pelas ruas, eu seguia atrás dos meus senhores, descalça, cansada e carregando o peso que colocavam sobre meus ombros.

Às vezes, cruzava com indígenas que circulavam pela região. Eles conheciam profundamente aquela terra, seus rios e suas matas. Eu me perguntava o que pensavam ao ver a transformação daquele lugar pela presença dos colonizadores.

Eu também era estrangeira naquela terra.

Mas, diferentemente deles, eu havia sido trazida contra a minha vontade.

No fim do dia, meus braços tremiam.

E ainda havia trabalho esperando por mim.

A Noite Não Trazia Descanso

Quando o sol desaparecia atrás dos morros, eu desejava que finalmente pudesse descansar. Mas o fim da tarde significava apenas o começo de outra jornada.

Depois que a família jantava, eu recolhia os pratos, limpava as panelas e organizava a cozinha. O fogo precisava ser apagado corretamente, os utensílios guardados e cada objeto colocado no lugar determinado pela senhora.

Bastava uma coisa estar fora do lugar para que sua voz ecoasse pela casa.

— *Preguiçosa!*

Eu conhecia aquela palavra.

Conhecia também o tom que vinha antes dos castigos. Às vezes, recebia um tapa. Outras vezes, um puxão de braço ou uma ameaça. O pior, porém, era esperar pelo castigo sem saber quando viria. medo fazia meu coração disparar mesmo quando ninguém

estava perto.

Eu aprendi a andar em silêncio.

Aprendi a baixar os olhos.

Aprendi a esconder minhas lágrimas.

Mas não aprendi a esquecer.

Quando finalmente retornava à senzala, o corpo inteiro parecia pesado. Eu me deitava sobre o chão de terra, procurando uma posição que aliviasse minhas dores. Algumas companheiras ainda conversavam baixinho. Outras choravam sem fazer barulho.

Nessas horas, eu fechava os olhos e voltava para minha infância.

Imaginava as árvores de Malanje balançando com o vento.

Escutava, dentro da memória, os tambores das noites de festa.

Via minha mãe junto ao fogo.

Via meu pai antes daquele último dia.

Essas lembranças eram o único lugar onde ninguém podia me mandar trabalhar.

Eu sabia que o amanhecer traria novamente as mesmas tarefas. Talvez houvesse mais gritos. Talvez mais castigos. Talvez alguma notícia capaz de mudar

meu destino.

Mas, enquanto permanecesse acordada, eu guardava dentro de mim aquilo que ainda me pertencia.

Meu nome.

Minha história.

Minha memória.

Eles haviam escravizado meu corpo, mas eu me recusava a entregar minha alma.

E assim, exausta, eu adormecia.

Sabendo que, poucas horas depois, antes mesmo de o sol nascer, os dias de servidão começariam novamente.

As Noites na Senzala

Quando a Casa Grande Adormecia

Quando o último ruído da casa grande diminuía e as portas eram fechadas, eu sabia que o meu dia ainda não tinha terminado dentro de mim.

Meu corpo estava cansado, mas meus pensamentos permaneciam acordados. O silêncio da

noite não trazia paz. Trazia medo.

A senzala ficava afastada da casa dos senhores, perto de uma área onde a mata começava a se fechar sobre o terreno. Era uma construção simples, feita de barro, madeira e palha. O chão de terra endurecida guardava a umidade das chuvas e, em certas noites, o frio entrava pelas frestas das paredes. Quando o verão chegava, o calor ficava preso lá dentro, misturado ao cheiro de suor, fumaça e corpos cansados.

Do lado de fora, São Sebastião do Rio de Janeiro parecia outra coisa. A lua iluminava os morros cobertos de mata, e eu conseguia ouvir, ao longe, o movimento das águas da baía. Havia rios, pequenos córregos e áreas de floresta onde viviam animais e comunidades indígenas que conheciam aquelas terras muito antes da chegada dos portugueses. A natureza era abundante, mas para nós não significava liberdade.

Na povoação, as casas dos portugueses se espalhavam entre caminhos de terra. Havia pequenas plantações, roças, criação de animais e áreas onde se retirava madeira. As pessoas dependiam da terra

para sobreviver, mas os homens que mandavam também dependiam do trabalho daqueles que haviam transformado em propriedade.

Eu me deitava sobre a palha e escutava a respiração dos outros.

Às vezes, alguém chorava baixinho.

Ninguém perguntava por quê.

Todos sabíamos.

As Marcas que o Dia Escondia

Alguns escravizados que pertenciam ao meu senhor trabalhavam comigo na casa. Outros chegavam de propriedades rurais próximas, trazidos quando seus donos vinham à cidade ou quando era necessário transportar mercadorias. Eu percebia que eles carregavam no corpo uma história diferente da minha, embora a dor fosse conhecida por todos nós. Foi de um deles que ouvi falar da fazenda.

Ele se chamava Joaquim. Tinha os braços fortes, as mãos endurecidas pelo trabalho e uma cicatriz que atravessava suas costas. Quando perguntei como havia acontecido, ele permaneceu calado por alguns

instantes.

Depois disse apenas:

— *Foi porque parei de cortar.*

Ele tinha passado horas trabalhando na lavoura, sob um sol que parecia queimar a pele. Quando suas pernas fraquejaram, o feitor mandou que continuasse. Joaquim caiu. O chicote veio antes que ele conseguisse se levantar.

Na fazenda, contava ele, o trabalho começava antes de o céu clarear. Havia roças, plantações, criação de animais, derrubada de árvores e transporte de cargas. Homens e mulheres recebiam tarefas conforme a força que os senhores julgavam possuir. As mulheres também cuidavam das crianças, preparavam alimentos e realizavam serviços domésticos quando necessário.

Os castigos eram aplicados para provocar medo.

Quem fugia podia ser perseguido durante dias. Quem ajudava um fugitivo também poderia ser castigado. Correntes, troncos e açoites faziam parte daquela realidade. Algumas vezes, bastava uma ordem contrariada para que alguém fosse levado diante de todos.

Eu ouvia aquelas histórias e sentia o estômago se fechar.

Na cidade, minha vida já era dura.

Mas eu tinha medo de que um dia dissessem que meu trabalho ali não era mais necessário.

E então me mandassem para a fazenda.

O Que Ainda Vivia em Nós

As noites também revelavam outra espécie de sofrimento.

Não havia água suficiente para todos. Quando conseguíamos, lavávamos o rosto, os braços e os pés depois do trabalho. Às vezes, molhávamos um pano e passávamos pelo corpo para retirar o suor e a poeira. O sabão era raro. A roupa permanecia úmida ou suja por muitos dias, e as doenças encontravam facilmente lugar entre nós.

Mosquitos zumbiam perto dos ouvidos. Crianças tossiam. Adultos gemiam durante a madrugada. Febres surgiam e desapareciam, mas quase nunca havia descanso para quem adoecia.

Eu já tinha visto pessoas serem castigadas mesmo

quando mal conseguiam permanecer de pé.

Aquilo me ensinou uma coisa terrível: para os senhores, nossa dor só importava quando ameaçava diminuir o trabalho.

Mas, apesar de tudo, a senzala também guardava pequenas sementes de resistência.

Quando os olhos dos senhores não estavam por perto, conversávamos em voz baixa. Cada pessoa trazia consigo um pedaço de algum lugar distante. Havia palavras de línguas que eu não conhecia, cantigas, lembranças de rios, histórias de famílias, nomes de ancestrais e costumes que tentávamos não deixar morrer.

Eu falava de Malanje.

Contava como eram as manhãs, quando o povo se reunia para trabalhar nas roças. Lembrava minha mãe preparando os alimentos, meu pai voltando das tarefas, as crianças correndo, os sons dos tambores e as vozes que acompanhavam as celebrações.

Alguns choravam ao ouvir.

Outros sorriam por um instante.

Naquele pequeno espaço escuro, nossas lembranças eram como brasas escondidas sob a

cinza.

Eu sabia que não poderia voltar facilmente para minha terra.

Talvez nunca voltasse.

Mesmo assim, todas as noites repetia meu nome dentro de mim:

Kiara Matamba.

Era a forma que encontrei de dizer que ainda existia.

Eles haviam aprisionado meu corpo.

Mas minha memória continuava sendo minha.

E, antes de dormir, eu fazia a mesma pergunta:

Será que algum dia eu voltaria a ser livre?

O Preço da Rebeldia

O Céu em Chamas

Havia um momento do dia de que eu gostava, embora soubesse que ele durava pouco. Era quando o sol começava a desaparecer atrás dos morros de São Sebastião do Rio de Janeiro e o céu se tingia de laranja, vermelho e dourado. Por alguns minutos, o

mundo parecia esquecer a crueldade que existia abaixo daquela beleza.

Eu parava, sempre que podia, para olhar.

As árvores da mata ficavam escuras contra a luz do entardecer. O vento passava pelas folhas, levando consigo o cheiro da terra, da madeira e da água dos pequenos rios que cortavam a região. Mais distante, a baía refletia os últimos clarões do dia. A natureza parecia livre.

Eu não.

Naquela época, a povoação ainda crescia cercada por matas, caminhos de terra e áreas de cultivo. Havia pequenas roças, plantações, casas simples e construções pertencentes aos portugueses. Os indígenas que viviam naquela região conheciam os rios, as florestas e os caminhos muito antes de nós chegarmos. Para mim, aquela terra tinha uma beleza que não conseguia esconder a violência trazida pelos homens.

Quando o sino ou a voz de algum encarregado chamava de volta, eu baixava os olhos e retomava o trabalho.

Carregava água, limpava os espaços da casa,

preparava alimentos, lavava roupas e transportava aquilo que me ordenavam. Minhas mãos estavam sempre ocupa-das. Meu pensamento, porém, viajava para longe. Pensava em Malanje. Pensava na terra onde eu era criança.

Pensava na minha mãe.

E, principalmente, perguntava a mim mesma quanto tempo uma pessoa poderia viver sem liberdade antes de esquecer quem era.

Eu tinha medo de descobrir a resposta.

A Fuga que Terminava em Sangue

Foi entre sussurros que comecei a ouvir histórias sobre homens e mulheres que haviam escolhido fugir.

Alguns desapareciam durante a madrugada, aproveitando a escuridão da mata. Outros esperavam uma oportunidade durante o trabalho e seguiam por caminhos que somente quem conhecia bem a região conseguia encontrar. Havia quem falasse de agrupamentos de fugitivos escondidos nas matas, lugares onde tentavam reconstruir uma vida longe

dos olhos dos senhores.

A palavra liberdade parecia diferente quando pronunciada em segredo.

Ela quase soava como uma oração.

Mas eu também conhecia o outro lado daquela escolha.

Certa manhã, dois homens foram encontrados depois de uma tentativa de fuga. Voltaram escoltados, feridos e exaustos. Um deles mal conseguia caminhar. O outro mantinha os olhos fixos no chão, como se tivesse vergonha de levantar a cabeça diante dos companheiros.

Foram colocados diante de todos.

O feitor queria que víssemos.

O primeiro castigo veio acompanhado de ordens gritadas. Depois, o silêncio.

Eu permaneci imóvel.

Cada golpe fazia meu corpo estremecer, mesmo sem tocar em mim. O homem tentou suportar sem gritar, mas em determinado momento não conseguiu mais esconder a dor. O outro começou a chorar.

Não eram animais.

E todos nós sabíamos disso.

Ainda assim, eram tratados como se suas vidas valessem menos que uma ferramenta quebrada.

Depois daquela manhã, os dois permaneceram dias sem conseguir trabalhar. Um deles nunca recuperou completamente as forças.

Eu voltei para minhas tarefas carregando uma sensação que não conseguia explicar.

Queria fugir.

Queria correr até que meus pés encontrassem uma estrada que me levasse para qualquer lugar onde ninguém pudesse mandar em mim.

Mas eu também queria continuar viva.

Foi naquele dia que compreendi o preço que os senhores cobravam pela rebeldia.

Eles não queriam apenas impedir uma fuga.

Queriam destruir a esperança dos que permaneciam.

A Liberdade Guardada no Peito

Depois daquele episódio, comecei a obedecer com uma atenção que antes não conhecia.

Quando me mandavam buscar água, eu ia.

Quando ordenavam que limpasse a casa, eu limpava.

Quando precisava carregar alguma coisa, colocava o peso sobre os ombros e seguia.

Aprendi a esconder o que pensava.

Meu silêncio passou a ser uma espécie de abrigo. Por fora, eu parecia ter aceitado aquela vida.

Por dentro, continuava lutando para não permitir que ela apagasse tudo o que eu havia sido.

À noite, quando todos dormiam, eu me deitava sobre o catre e fechava os olhos. Era nesse momento que Malanje voltava para mim.

Eu via minha mãe trabalhando.

Escutava vozes conhecidas.

Sentia o cheiro da terra depois da chuva.

Recordava as árvores, os caminhos, os alimentos preparados em família e as histórias contadas pelos mais velhos. Lembrava que, antes de ser chamada de escrava, eu tinha outro nome dentro de mim: filha, mulher, membro de uma comunidade, alguém que pertencia a uma terra e a uma história.

Essas lembranças doíam.

Às vezes, eu preferia não pensar.

Mas percebi que esquecer seria uma segunda morte.

Então comecei a guardar tudo.

Meu passado ficou escondido no peito, como uma pequena chama protegida do vento.

Eu não sabia se algum dia conseguiria fugir. Não sabia se encontraria minha família ou se pisaria novamente no solo de Malanje. Talvez minha vida terminasse naquela terra distante.

Mesmo assim, havia uma coisa que, meus senhores, não conseguiam controlar.

Minha memória.

Eles podiam ordenar meus movimentos, determinar meu trabalho e decidir onde eu dormiria. Mas não podiam entrar nos lugares mais profundos da minha lembrança.

Foi assim que sobrevivi.

Não porque tivesse deixado de desejar a liberdade. Mas porque aprendi a escondê-la onde ninguém conseguia abraça-la.

Laços de Esperança

A Família Que Escolhemos

Naquela terra distante, descobri que uma pessoa pode perder quase tudo e ainda encontrar forças para cuidar de alguém.

Entre nós, os escravizados, os laços de sangue muitas vezes haviam sido destruídos pela captura e pela separação. Pais eram arrancados dos filhos. Irmãos desapareciam em mercados diferentes. Mulheres eram levadas para propriedades distantes e nunca mais ouviam notícias de suas famílias.

Por isso, aprendemos a criar outras famílias. Chamávamos uns aos outros de irmão, irmã, tio, tia. Não porque tivéssemos o mesmo sangue, mas porque precisávamos uns dos outros para continuar respirando.

Quando alguém adoecia, outro procurava água. Quando uma mulher dava à luz, algumas de nós ficávamos por perto para abraça-la. Quando alguém recebia um castigo, havia sempre olhos acompanhando de longe, olhos que diziam, sem

palavras: você não está sozinho.

Foi assim que conheci a mãe de um menino que viria a marcar minha memória.

Ela trabalhava muito e quase nunca reclamava. Seu corpo estava fraco, mas ainda assim continuava cumprindo as tarefas que lhe davam. Quando chegou o momento do parto, tudo aconteceu rapidamente. A criança nasceu pequena, frágil e silenciosa.

A mãe mal teve forças para segurá-la.

Pouco depois, morreu.

Eu ainda me lembro daquele instante. O bebê chorava, procurando pelo calor que já não existia. Algumas mulheres tentaram acalmá-lo. Uma delas o tomou nos braços e o apertou contra o peito.

Naquele dia, compreendi novamente a crueldade daquela vida.

Até o direito de ser mãe podia ser roubado.

Mas, enquanto aquela criança permanecesse entre nós, faríamos o possível para que não crescesse sem conhecer o significado de cuidado.

Pedro e as Crianças da Casa Grande

Depois da morte de sua mãe, pensamos que o menino seria entregue a outro senhor ou simplesmente incorporado ao trabalho da senzala assim que tivesse idade suficiente.

Mas aconteceu algo que ninguém esperava.

A família do Coronel Sebastião Lacerda decidiu mantê-lo perto da casa grande.

No começo, não sabíamos exatamente o que aquilo significava. Ele era alimentado e recebia cuidados melhores do que nós. Vestiam-no com roupas limpas e permitiam que permanecesse no jardim. Ainda assim, não deixava de ser uma criança escravizada.

Era estranho observar aquela diferença.

Eu o via sentado na varanda enquanto nós carregávamos água, varríamos o chão e trabalhávamos sob o calor. Ele recebia afeto, mas não liberdade.

Os filhos do coronel, Isabela e João Antônio, aproximaram-se dele sem compreender completamente as diferenças que os adultos insistiam em estabelecer.

Para eles, Pedro era simplesmente um menino.

Brincavam juntos no jardim, corriam entre as plantas e às vezes disputavam algum brinquedo. Eu observava de longe e sentia uma mistura de ternura e tristeza.

As crianças ainda não haviam aprendido a enxergar a cor da pele como uma fronteira.

Os adultos, porém, já haviam construído muros muito mais altos.

A família tratava Pedro com certo carinho, mas havia algo que nunca desaparecia: ele continuava pertencendo ao coronel. Sua vida não lhe pertencia.

Eu pensava nisso enquanto o via rir.

Uma criança não deveria nascer carregando o peso das escolhas dos adultos.

Pedro não tinha culpa de ter nascido naquela condição.

Nenhum de nós tinha.

E talvez fosse justamente por isso que eu gostava de vê-lo brincar.

Durante alguns minutos, quando sua risada atravessava o jardim, eu conseguia imaginar um mundo diferente.

Um mundo em que crianças fossem apenas crianças.

O Nome que Guardava uma História

Algum tempo depois, chegou a notícia de que o menino seria batizado na igreja dos portugueses.

A casa grande ganhou movimento. Prepararam roupas, organizaram visitas e separaram tudo o que seria necessário para a cerimônia. Padres e convidados importantes estariam presentes.

Para nós, aquilo parecia quase uma festa de outro mundo.

Pedro foi vestido de branco. O tecido claro destacava sua pele escura, e alguém ajeitou seus cabelos antes de abraça-lo para a cerimônia.

Eu o observei de longe.

Por um instante, pensei na mulher que lhe dera a vida.

Ela não estaria ali.

Não ouviria seu primeiro nome.

Não veria sua roupa.

Não saberia quem o carregaria nos braços.

Durante o batismo, deram-lhe o nome de Pedro Higino de Cabinda.

Quando ouvi aquele último nome, senti algo apertar dentro de mim.

Cabinda.

Um nome ligado à terra africana de onde sua mãe havia vindo. Um pequeno pedaço de sua origem que permanecia vivo apesar de tudo o que havia acontecido.

Talvez os senhores acreditassem que poderiam apagar nossas histórias.

Mas nomes resistem.

Pedro cresceria naquela casa, cercado por pessoas que poderiam demonstrar carinho por ele. Poderia brincar com Isabela e João Antônio. Poderia receber comida melhor e roupas mais bonitas. Talvez fosse tratado com mais cuidado do que muitos de nós.

Mas eu sabia que havia uma diferença que ninguém conseguia esconder.

Ele continuava escravizado.

Um dia, talvez entendesse.

Talvez perguntasse por que podia brincar com os filhos do senhor, mas não podia decidir o próprio

caminho.

Talvez perguntasse onde estava sua mãe.

Eu não sabia o que responderia.

Só sabia que, se um dia ele quisesse conhecer sua história, eu lhe contaria o pouco que pudesse.

Porque preservar a memória também era uma forma de resistência.

E, enquanto Pedro crescesse, eu continuaria esperando que aquela criança encontrasse aquilo que todos nós procurávamos: a liberdade.

O Futuro Incerto

Uma Criança no Meio da Escuridão

Os anos passaram sem que eu percebesse.

A vida na casa grande tinha se transformado em uma sucessão de dias quase iguais: o nascer do sol, as tarefas, as ordens, o calor, a fumaça das cozinhas, o barulho dos animais, as vozes dos senhores e, quando a noite chegava, o cansaço que parecia entrar até nos ossos.

Meu corpo havia mudado. As mãos estavam

marcadas pelo trabalho, os pés endurecidos pelos caminhos de terra e os cabelos já não tinham a mesma força dos primeiros anos. Mas havia alguma coisa dentro de mim que continuava resistindo.

Era a lembrança de Malanje.

Era o rosto da minha mãe.

Era a voz do meu pai.

Era a certeza de que eu havia existido antes das correntes.

São Sebastião do Rio de Janeiro também havia mudado diante dos meus olhos. A povoação crescia entre morros verdes, caminhos estreitos, roças, casas de madeira e barro e construções que os portugueses levantavam pouco a pouco. A mata ainda cercava muitos lugares. Rios desciam das encostas, pássaros cortavam o céu e a baía se estendia brilhando sob o sol.

A terra era bonita.

Mas a beleza não apagava a crueldade.

Eu via homens voltarem do trabalho carregando marcas nas costas. Via mulheres esconderem lágrimas para não serem castigadas. Via pessoas adoecerem sem receber cuidados e outras

desaparecerem depois de serem vendidas para longe.

Então Pedro Higino entrou ainda mais profundamente na minha vida.

Aquela criança havia perdido a mãe antes mesmo de compreender o que significava abraça-la.

Quando me mandaram cuidar dele, alguma coisa mudou dentro de mim.

Eu já havia perdido meu próprio filho?

Não.

Eu havia perdido minha família.

E talvez por isso eu soubesse exatamente o que aquela criança precisava.

O Filho que a Vida Me Entregou

Pedro cresceu diante dos meus olhos.

Eu o alimentava, lavava seu corpo, trocava suas roupas e permanecia perto quando ele adoecia. À noite, quando chorava, eu o pegava no colo e caminhava devagar pelo quarto até que seus soluços diminuíssem.

Com o passar do tempo, ele começou a

reconhecer minha voz.

Quando me via, abria um sorriso.

Aquele sorriso tinha o poder de mudar meu dia.

Eu sabia que era uma escravizada. Sabia que continuava pertencendo ao mundo dos senhores. Mesmo assim, quando Pedro segurava meu dedo com sua pequena mão, eu não conseguia enxergar nele uma propriedade.

Eu enxergava uma criança.

E, pouco a pouco, ele se tornou como um filho para mim.

A família Lacerda percebeu a dedicação que eu tinha com ele. Dona Maria Luísa começou a confiar mais em meu trabalho. Eu continuava obedecendo às ordens, mas passei a circular por lugares da casa grande onde antes não podia permanecer por muito tempo.

Certa ocasião, disseram que eu poderia dormir em um pequeno quarto próximo aos aposentos da família.

Quando entrei naquele espaço pela primeira vez, fiquei parada durante alguns instantes.

Havia uma cama simples.

Uma pequena janela.

Uma porta que podia ser fechada.

Não era liberdade.

Eu sabia disso.

Ainda assim, depois de tantos anos dormindo na senzala, aquele quarto parecia quase um sonho.

Dona Maria Luísa também passou a conversar comigo. Às vezes perguntava sobre Pedro. Outras vezes falava das tarefas da casa. Percebi que começava a me enxergar como alguém em quem podia confiar.

Até o coronel, homem acostumado a falar pouco e dar muitas ordens, passou a reconhecer meu trabalho.

Mas eu nunca esquecia quem eu era.

Um gesto de bondade não apagava anos de servidão.

Uma cama não quebrava as correntes.

E confiança não significava liberdade.

Mesmo assim, naquele pequeno espaço, comecei a sentir algo que havia quase esquecido: esperança.

A Liberdade de Pedro Higino

Foi então que aconteceu algo que jamais imaginei testemunhar.

Pedro Higino seria libertado.

Quando ouvi a notícia, não consegui acreditar imediatamente.

Perguntei novamente, com medo de ter entendido errado.

Livre?

Aquela palavra parecia grande demais para caber naquela casa.

No dia da cerimônia, eu permaneci perto dele. Pedro estava vestido com cuidado, sem compreender completamente o significado do que acontecia. Para ele, havia apenas adultos reunidos, vozes sérias e uma movimentação diferente.

Para mim, era outra coisa.

Era como assistir a uma porta se abrir depois de anos olhando para ela fechada.

O coronel Sebastião Lacerda declarou diante dos presentes que Pedro Higino não seria mais escravo.

Eu senti as pernas amolecerem.

As lágrimas vieram antes que eu pudesse escondê-las.

Pensei na mãe daquele menino.

Pensei na mulher que morreu sem sequer ter tempo de abraça-lo.

Pensei em todos os homens e mulheres que jamais ouviriam aquelas palavras.

Pedro estava livre.

Eu não.

Essa diferença doeu.

Mas não conseguiu destruir a alegria que senti por ele.

Naquela noite, depois que todos se recolheram, fiquei algum tempo olhando pela janela. O céu estava escuro. Ao longe, ouvia-se o movimento da água e o som dos insetos escondidos na vegetação.

Pensei em Deus.

Eu já conhecia as palavras dos padres e havia visto os altares dos portugueses. Mas o Deus que carregava dentro de mim era diferente. Eu o encontrava no vento, nas águas, na terra, nas lembranças de meus antepassados e na força que me fazia levantar todas as manhãs.

Talvez Ele ainda escutasse os nossos pedidos.

Talvez a liberdade de Pedro fosse apenas uma pequena chama.

Mas uma chama pode crescer.

Eu ainda era prisioneira.

Ainda carregava feridas que ninguém via.

Ainda não sabia para onde minha vida me levaria.

Porém, naquela noite, pela primeira vez em muitos anos, não perguntei apenas quando seria livre.

Perguntei também: o que eu faria quando chegasse o meu dia?

E, no fundo do coração, comecei a acreditar que ele poderia chegar.

Conclusão

Quando olho para trás, percebo que minha vida foi feita de caminhos que eu nunca escolhi percorrer.

Nasci em uma terra que amava. Tive uma família, uma infância, uma comunidade e um nome. Depois, em um instante de violência, tudo aquilo foi arrancado de mim. Fui capturada, acorrentada e levada para longe de minha terra. Atravessei o

oceano em um navio onde conheci a fome, a doença, o medo e a morte. Quando meus pés tocaram a terra do outro lado do mar, eu já não era tratada como uma pessoa, mas como uma propriedade.

Ainda assim, alguma coisa em mim permaneceu viva.

Durante os anos de escravidão, aprendi que existem correntes que podem ser colocadas nos pulsos e outras que tentam ser colocadas dentro da alma. As primeiras eram visíveis. As segundas eram mais perigosas.

Queriam que eu esquecesse meu passado.

Queriam que eu aceitasse que minha vida pertencia a outra pessoa.

Queriam que eu acreditasse que não tinha direito de escolher meu próprio destino.

Mas eu nunca esqueci quem fui.

Dentro de mim, Malanje continuou existindo. Minha mãe continuou existindo. Meu pai continuou existindo. Os caminhos de minha infância, os sons de minha comunidade, os ensinamentos dos mais velhos e as lembranças de minha terra permaneceram comigo mesmo quando tudo ao meu

redor dizia que eu deveria esquecer.

Também aprendi que, em meio à violência, os seres humanos podem criar laços capazes de desafiar a própria escuridão.

Foi assim entre nós.

Dividíamos o pouco que tínhamos. Cuidávamos dos doentes. Consolávamos quem chorava. Guardávamos histórias. Ensinávamos palavras de nossas línguas. Criávamos novas famílias quando as verdadeiras haviam sido destruídas pela escravidão.

E foi assim que Pedro Higino entrou em minha vida.

Aquela criança me ensinou que o amor também pode nascer em lugares onde a esperança parece impossível. Eu o vi crescer, acompanhei seus primeiros passos e cuidei dele como se fosse meu próprio filho. Quando finalmente o vi receber a liberdade, chorei não apenas por ele, mas por todos aqueles que nunca tiveram a mesma oportunidade.

A liberdade de Pedro não apagou minha própria condição.

Mas me mostrou que uma porta podia se abrir.

Talvez não para todos naquele momento.

Talvez não para mim.

Mas ela existia.

E, enquanto existisse uma fresta, eu continuaria acreditando.

Hoje, quando penso em tudo o que vivi, não quero que minha história seja lembrada apenas pela dor. A dor faz parte dela, mas não é tudo.

Eu também fui coragem.

Fui memória.

Fui resistência.

Fui cuidado.

Fui esperança.

A escravidão tentou transformar meu corpo em propriedade, mas nunca conseguiu transformar minhas lembranças em propriedade de ninguém.

Meu nome continuou sendo Kiara Matamba.

E dizer meu nome era, para mim, uma maneira de afirmar que eu existia.

Minha história é também a história de milhares de homens, mulheres e crianças africanos que tiveram suas vidas interrompidas pela escravidão. Muitos morreram sem voltar a ver suas famílias. Outros viveram décadas carregando no corpo e na alma as

marcas de uma violência que jamais deveria ter existido.

Por isso, suas histórias não podem desaparecer.

Que aqueles que vieram depois de nós saibam que nenhum ser humano nasce para ser dono de outro.

Que nunca se esqueçam dos que atravessaram o oceano acorrentados.

Que se lembrem daqueles que morreram sem nome, daqueles que resistiram em silêncio, daqueles que fugiram, daqueles que protegeram seus filhos e daqueles que mantiveram vivas suas culturas mesmo quando tentaram arrancá-las de seus corações.

A liberdade talvez tenha chegado tarde para muitos.

Para alguns, nunca chegou.

Mas a esperança sobreviveu.

E enquanto alguém contar suas histórias, eles continuarão vivos.

Eu sou Kiara Matamba.

Minha terra ficou distante.

Minha infância ficou para trás.

Mas minha memória atravessou o oceano comigo.

E foi ela que me ensinou a continuar caminhando.

Porque, mesmo nos lugares mais escuros, existe uma pequena chama que insiste em não morrer.

Essa chama tem um nome.

Liberdade.

Mendes de Miranda

Mendes de Miranda, nascido em 14 de novembro de 1959, mineiro da Terra da Mãe de Deus, é o nome escolhido pelo professor Vilmar de Freitas para dar vida às suas memórias e à sua escrita. Mais do que um pseudônimo, Mendes de Miranda é uma homenagem carregada de afeto às suas avós, Dercília, sua avó paterna, e Maria Felisbina, sua avó materna — presenças que marcaram profundamente sua infância.

Foi ao lado delas que ele aprendeu o poder das histórias. Ainda menino, sentava-se na varanda da casa, aquela que se abria para o fundo do quintal, onde o tempo parecia caminhar mais devagar. Enquanto ouvia os causos contados com calma e sabedoria, seus olhos acompanhavam as galinhas ciscando no terreiro, como se cada movimento

Nota ao Leitor: Esta obra é fruto da criação humana. O contexto histórico, o enredo, os personagens e todas as decisões narrativas foram concebidos por seu autor, responsável por dar sentido e direção à história. A inteligência artificial foi utilizada apenas como ferramenta de apoio, auxiliando em pesquisas, organização de ideias e aspectos técnicos da escrita, sem interferir na autoria. Assim, o livro mantém sua essência como uma produção humana, em que a tecnologia atua como instrumento, e não como origem.

Nota ao Leitor: Esta obra é fruto da criação humana. O contexto histórico, o enredo, os personagens e todas as decisões narrativas foram concebidos por seu autor, responsável por dar sentido e direção à história. A inteligência artificial foi utilizada apenas como ferramenta de apoio, auxiliando em pesquisas, organização de ideias e aspectos técnicos da escrita, sem interferir na autoria. Assim, o livro mantém sua essência como uma produção humana, em que a tecnologia atua como instrumento, e não como origem.